

O ESTRANHO ANO DE VANESSA M.

FILIPA FONSECA SILVA

O ESTRANHO ANO
DE VANESSA M.



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2014

MARÇO

1.

— Tédio. É isso que sinto. Um peso que me invade a alma e engole a vontade. A cada minuto que passa, transforma-se em impaciência. Um nervoso miudinho que faz parar a respiração na exata proporção em que o coração acelera. «O que é que tens?» «Nada.» «Então, porque é que estás a suspirar?» «Porque me apetece. Porquê? Agora também não posso?» O que vale é que ele não me responde. Depois de quinze anos de vida em comum, finalmente percebeu que há alturas em que o melhor é estar calado. Porque é que estás a suspirar, pergunta ele. É preciso ter lata. É preciso estar completamente alheado do que se passa à sua volta. É preciso ser muito egocêntrico. Não sei se é por ser homem. Será que a vida é assim tão mais fácil para os homens? Claramente, não têm de se preocupar com a celulite, com as unhas partidas, com o cabelo. Já não bastava a sorte de poderem fazer chichi em tudo quanto é canto, também não têm de se preocupar com as sobrancelhas, os cremes, a maquilhagem, as meias de vidro, esconder o peito para não parecer oferecida, mas não tanto que pareça frígida. Um homem de cabelo desgrenhado e barba por fazer, desde que tenha aquele cheiro a banho tomado, é *sexy*. Uma mulher de cabelo desgrenhado, que não teve tempo para ir à depilação, mesmo com cheiro a banho tomado, é uma desmazelada, nojenta, que devia ter vergonha de sair assim à rua. Então, nesse caso, porque é que as mulheres não podem entrar uma hora mais tarde que os homens nos seus

locais de trabalho, por exemplo? É isso que me apetece perguntar ao meu chefe quando me olha reprovadoramente se chego depois das nove e meia, lançando um irónico «Boa tarde! Obrigada por teres vindo»... O que é que eu tenho, pergunta ele. Ora, diga-me lá doutor, por onde quer que comece?

O médico olhou para o relógio de pulso e apenas disse:

— Desculpe, Vanessa, mas vai ter de ficar para a próxima sessão. Acabou-se o nosso tempo.

— Mas, doutor...

— Ora, Vanessa, já sabe as regras... Aponte o que me ia dizer, ponha isso tudo por tópicos num papel e falamos na próxima sessão.

Agarrou na mala e no casaco com fúria e saiu disparada, batendo a porta atrás de si. Ao fim de quase dois meses de terapia, continuava a não entender porque é que as sessões tinham de ser interrompidas. Logo quando uma pessoa começava a soltar-se... Sim, porque os primeiros vinte minutos quase não deviam contar. Será possível uma pessoa sentar-se e pegar na conversa exatamente onde a deixou na última sessão? O que sentira na semana anterior nada tinha que ver com o que sentia agora. Era preciso pensar, organizar as ideias, pegar no caderninho e relembrar o que tinha dito. Depois, era preciso abstrair-se do mau aspecto do psiquiatra. O lábio superior suado, as unhas demasiado compridas, o *blazer* de xadrez todo coçado, os dentes amarelos. Não era nada fácil.

Grande ajuda... Mais de duzentos euros por mês... Só de pensar em tudo o que poderia fazer com esse dinheiro até ficava maldisposta. Se ao menos o montante lhe fosse entregue directamente, sempre poderia escolher outro médico, menos dispendioso, e gastar o resto do dinheiro em coisas mais interessantes... Mas não era. O juiz fora muito claro: quarenta sessões de psicoterapia, num médico escolhido pelo tribunal, no final das quais seria submetida

a um teste por parte de uma entidade independente, que avaliaria se estava apta a conviver em sociedade. Ainda só ia em oito. Havia dias em que Vanessa duvidava se a alternativa não teria sido melhor: quatro meses de prisão efectiva. No fundo, quatro meses passam a correr. O tédio seria o mesmo, mas com uma vantagem: estaria sozinha. Sem ninguém para lhe encher a cabeça, sem obrigações domésticas, sem ter de decidir o que vai ser o jantar, sem ter de saber onde estão os óculos dos outros, sem a brutalidade do quotidiano.

Lá fora a chuva caía impiedosamente. «Porreiro», pensou, «vou dar cabo dos sapatos.» Encostou-se o mais que pôde à porta do prédio para evitar molhar-se, enquanto procurava a chave do carro. Claro que teria sido uma boa ideia, não fossem as pessoas que constantemente entravam e saíam. Os empurrões, as cotoveladas, os pedidos de desculpa por estar a incomodar, a mão a vasculhar a mala, a apalpar cada objecto, na esperança de sentir o metal da chave ou o cabedal do porta-chaves. Espelho, porta-moedas, batom, pinça, caixa dos óculos, óculos escuros, carteira, telemóvel, comprimidos. A chuva a penetrar na camurça dos sapatos. Não eram apenas uns salpicos. Eram manchas escuras que nunca mais conseguiria disfarçar. Outro encontrão, outra cotovelada e, afinal, a chave estava no bolso do casaco.

É curioso que não haja mais acidentes na estrada. O carro, pelo menos nas grandes cidades, está a transformar-se num catalisador de toda a raiva e angústias que acumulamos ao longo do dia. Aceleramos com os olhos vidrados no semáforo que teima em não mudar. Travamos com a mesma fúria com que gostaríamos de ter pisado aquela pessoa insuportável que nos fez perder a cabeça. Buzinamos como se o som que se espalha na rua fosse o grito que temos de guardar. Achamo-nos intocáveis, invencíveis, dentro da nossa fortaleza de metal. Ali não ouvimos os insultos, não sentimos

o cheiro dos outros, não somos contagiados pela viscosidade urbana.

Vanessa segurava o volante com a mesma força que gostaria de ter exercido no pescoço do psiquiatra. Ou do marido. Ou daquela loura altiva que nem pediu desculpa quando lhe deu com o saco nas pernas, ao entrar no prédio do consultório. Como se ela não existisse... Que cabra! Foi arrancada da sua fúria por um sem-abrigo a bater-lhe no vidro. As mãos imundas e frágeis estendidas. Os nós dos dedos em ferida. Era só o que lhe faltava. Detestava dar dinheiro a estas pessoas. Achava mais útil dar o dinheiro às instituições que as acolhem e distribuem cobertores e comida. Mas, naquele instante, lembrou-se dos sapatos. Se a chuva faz tanto mal a um pedaço de camurça, o que não fará à alma de quem vive na rua? Viu uma mancha negra a espalhar-se pelo corpo do homem. O casaco cada vez mais ensopado, as gotas penduradas na barba. Tal como os seus sapatos, aquele homem estava irremediavelmente perdido... Deu-lhe um euro e não se importou quando o carro de trás começou a buzinar. O sinal estava verde há mais de três segundos.

Conduziu sem saber para onde. Foi seguindo e seguindo, evitando todas as saídas familiares. Após duas horas, o depósito entrou na reserva e só aí reparou que já não chovia. Podia desligar o limpa-pára-brisas. Parou na área de serviço seguinte, sem se interrogar onde estaria. Nem sequer era uma área de serviço. Era uma simples bomba de gasolina de uma estrada secundária e deserta. Reparou que tinha cinquenta e três chamadas não atendidas no telemóvel. Da filha, da escola da filha, do marido, do psiquiatra, do advogado, da mãe, de Diana.

«Que histerismo», pensou. Qual era o mal de estar incontactável durante duas horas? Não podia estar simplesmente no cinema? Numa zona sem rede? Ter o telefone no silêncio? Não podia simplesmente desaparecer? Ou fazer desaparecer as pessoas à sua volta? A filha, o marido, a mãe e, sobretudo, Diana — como se nunca tivessem existido? Não que os odiasse, só que, por vezes, sufocava

só de pensar neles e em todas as rotinas que representavam. Imaginava muitas vezes como seria a vida se fosse órfã, solteira e sem filhos. Poder fazer o que quisesse, às horas que quisesse, com quem quisesse. Poder ir para a cama com aquele gajo giro do outro lado do bar. Ou mesmo com o gajo feio da bomba de gasolina. Não ter almoços de família, Natais cheios de gente, férias de Verão com a casa às costas. Gastar o dinheiro do aparelho da filha numa viagem à Tailândia. Ficar de pijama o dia inteiro, sem sequer tomar banho. Comer bolachas de chocolate no sofá e não se importar com as migalhas que caem. Uma refeição sozinha. Nenhuma conversa. Apenas olhando a parede em frente durante longos minutos, sem ter de ouvir «O que é que tens?». Como seria? Como seria ser livre? Absolutamente livre?

2.

Quando Diana começava a falar, o cérebro de Vanessa conseguia desligar-se. Plim! Como um interruptor. As palavras transformavam-se numa massa amorfa de som, como quando ouvimos as vozes dos vizinhos no andar de baixo. Sabemos que são vozes humanas, distinguimos se é um homem ou uma mulher a falar, mas não conseguimos decifrar qualquer palavra. O truque era não desviar o olhar. Enquanto a fitasse e abanasse a cabeça, ela continuaria o seu monólogo incessante, sem estranhar que o interlocutor não proferisse uma única palavra. Entretanto, Vanessa visualizava uma Diana pequenina a andar freneticamente para trás e para a frente, gesticulando como um náufrago a lutar pela vida, num cenário tipo jogo de computador dos anos oitenta: várias plataformas separadas por escadas e a personagem a percorrer cada uma delas, para cima e para baixo, a fugir de seres pixelizados que a destroem se lhe tocarem.

Diana considerava-se a melhor amiga de Vanessa, embora esta nunca lho tenha dito ou consentido. Andaram juntas na escola e um mal-entendido levou Diana a achar que Vanessa não só gostava como, acima de tudo, precisava dela. Fixara-se-lhe como uma lapa, até hoje. Mesmo quando Vanessa foi para a faculdade, Diana não deixou que a distância ou a falta de disponibilidade lhe retirassem o título de «Melhor Amiga». Aliás, colava-se a todos os programas e apresentava-se a toda a gente como tal. Vanessa nunca tivera

coragem para lhe dizer a verdade: que a achava uma chata, suburbana e invejosa. Nem coragem, nem oportunidade, já que até a sua própria mãe incentivava a amizade, porque era muito amiga dos pais de Diana e achava essencial manter ligações fortes com as raízes, com a comunidade. Era a mãe de Vanessa quem convidava Diana para jantar, para dormir lá em casa, para ir de férias com a família de modo que a filha não se aborrecesse no meio dos adultos. E durante todo esse tempo, Vanessa só via a versão pequenina de Diana a andar freneticamente para a frente e para trás, enquanto cuspiam palavras inúteis a uma velocidade estonteante. Se ao menos lhe pudesse dizer que quando escreveu «D és a minha alma gémea», no caderno de Físico-Química, se referia ao David... Mas como não quis admitir a sua paixoneta por um rapaz mais velho e muito popular, que provavelmente só lhe falava por saber que ela mais tarde o deixaria copiar nos testes, teve de suportar uma adolescência inteira de conversas sobre quantos centímetros é que as maminhas crescem por mês ou quantas pessoas se podem beijar sem se ser considerada uma oferecida. Diana, qual ditador sul-americano, silenciou a oposição, usurpou o lugar de melhor amiga e nunca mais largou o posto.

Esta era uma questão recorrente nas conversas de Vanessa com o psiquiatra. Porque é que não podemos simplesmente dizer a um amigo que já não o queremos na nossa vida? Podemos dizê-lo a um amante ou a um cônjuge, pessoa que partilha muito mais da nossa intimidade, mas nunca conseguimos dizê-lo a um amigo. Pelo menos sem que nos odeie. Não era tão simples se pudéssemos dizer «Olha, afinal já não tenho nada que ver contigo. Não me revejo nos teus valores, nos teus gostos, nas tuas conversas. Gostei muito de te conhecer em dada fase da minha vida, foi porreiro enquanto durou, mas, a partir de hoje, vamos cada um à sua vida, está bem? Não me liguês no Natal, nem me convides para aniversários. Ficamos assim. Foi um prazer. Adeus»? E a pessoa desaparecia da nossa vida, sem rancor, sem drama, possivelmente também aliviada

por cortar o cordão de uma relação baseada em obrigações sociais. Tão simples. Nessa altura, o psiquiatra franzia o sobrolho e apontava mais uns gatafunhos no seu caderno. Vanessa imaginava o que ele estaria a escrever: laivos de sociopatia.

Pode por isso parecer estranho que, de todas as cinquenta e três chamadas não atendidas, a única que Vanessa devolveu foi a de Diana. A razão era simples: a velocidade a que a amiga espalhava notícias era muito maior do que a velocidade a que Vanessa conseguiria fazer chamadas telefónicas. E, decerto, Diana complementaria todas as falhas na história com ilações da sua autoria, respondendo a todas as perguntas que lhe fizessem sem qualquer vacilação. Mas ela está bem? Sim, está óptima e muito bem-disposta. Mas onde é que ela está, exactamente? O que é que isso interessa? Daqui a dois dias está de volta. Posso falar com ela? Claro que não. Se é um retiro de silêncio, ela não pode falar. E o que é que dizemos à Mimi? Que a mamã está a descansar por ordem do médico e volta no fim-de-semana para lhe dar todos os mimos. Mas porque é que ela não nos avisou? Ora, deve ser do antidepressivo que ela anda a tomar, sabes que pode provocar algum esquecimento. Tudo isto e muito mais conseguiria Diana argumentar, ao ouvir de Vanessa a simples frase «Estou bem, preciso de uns dias sozinha para pensar e volto no fim-de-semana».

Seriam estes dois dias suficientes para pôr a cabeça no lugar? Não o tinha feito com oito sessões de terapia. Oito longas sessões, que nem por um minuto conseguiram atenuar ou, pelo menos, fazê-la perceber de onde vinha este tédio insuportável. Seria isto a vida? Só isto?

Ao lado da bomba de gasolina havia um café. Era um lugar escuro e triste, com cadeiras e mesas de plástico e um balcão alto, com tampo de mármore de cor indefinida. De um lado, a caixa registadora já amarelada do tempo, do outro, uma pequena vitrina

com bolos ressequidos e uns pastéis de bacalhau ensopados em óleo. Ainda assim, Vanessa decidiu entrar. Era o sítio adequado ao seu estado de espírito. O homem ao balcão olhou-a rapidamente sem mexer a cabeça, que continuava virada na direcção da televisão. Estava a dar um jogo de futebol. Os três ou quatro clientes presentes no estabelecimento nem se aperceberam da presença dela (o jogo devia ser mesmo interessante). Estavam todos na mesma mesa, com vários copos de imperial vazios à frente. Cheirava a álcool. Vanessa sentou-se numa mesa junto à montra e esperou que viessem servi-la. O homem saiu de trás do balcão, contrariado, e ficou ao seu lado à espera do pedido, sem tirar os olhos da televisão.

— Boa noite, o que é que tem para comer, sem ser aqueles bolos e fritos? — perguntou.

— Ó Telma, ainda há lombo? — gritou o homem para a cozinha, ao que a Telma respondeu que sim. O homem continuou: — Tem lombo de porco com batatas fritas ou, se preferir, no pão.

— E o pão, pode ser integral?

O homem desviou pela primeira vez os olhos do ecrã e franziu o sobrolho.

— A menina acha que isto é alguma padaria? O pão é normal, às fatias. Mas é de hoje.

— Então pode ser o lombo no pão, por favor. Se puder pôr uma folha de alface, agradecia.

— E para beber?

— Pode ser um sumo de laranja qualquer.

O homem voltou para trás do balcão arrastando os pés, os olhos vidrados no jogo de futebol, mesmo enquanto servia mais imperiais para a mesa onde estavam os outros homens. Vanessa mergulhou nos seus pensamentos, enquanto observava os carros a passar. Para onde iriam com tanta pressa? Como seriam as vidas daqueles condutores? Estariam ansiosos por chegar a casa e abraçar a família? Estariam a fugir de um dia mau? Estariam felizes? Estariam atrasados para algum jantar? Um jantar decerto mais saboroso

e reconfortante do que uma sandes de lombo de porco e um sumo de laranja qualquer.

O jogo, entretanto, acabou. Os homens juntaram-se ao balcão a discutir a partida e o resultado. Os olhos de Vanessa foram ao encontro da máquina de tabaco. Não fumava há quase dez anos, mas agora um cigarro era a única coisa que lhe apetecia. Pediu desculpa ao homem por estar a interromper a conversa e comprou um maço de tabaco e um isqueiro. Veio até à rua fumar. Ah e como era bom! O sabor e a sensação eram os mesmos de que se lembrava. O filtro acariciando o interior dos dedos, a nuvem de fumo a formar-se de baixo da língua, a descer até aos pulmões, a voltar a sair por entre os lábios. A princípio uma ligeira tontura e um sabor acre na boca, mas no final do cigarro parecia que nunca tinha deixado de fumar. Foi então que reparou que, por cima do café, havia quartos para alugar. Afinal nem tudo era mau. Pelo menos teria uma cama para dormir, provavelmente mais confortável e segura do que o carro estacionado numa bomba de gasolina de uma estrada secundária.

Quem alugava os quartos era o homem do café. Vanessa sentia-se cada vez mais acabrunhada por estar, de novo, a incomodá-lo e a desviá-lo da tertúlia futebolística com os amigos. Este era outro ponto que tinha de discutir com o psiquiatra. Porque é que se sentia mal por pedir aos outros algo que faz parte das suas funções? Se o homem tem um café, é para servir os clientes, e não para conversar com os amigos. Acontecia-lhe o mesmo com as empregadas domésticas. Quando as contratava quase pedia desculpa por precisar delas, por ter de trabalhar fora de casa. Tinha a sensação de que a olhavam como uma preguiçosa, incapaz de manter a casa em ordem sozinha. Não conseguia chamá-las à atenção para algo que fizessem mal, muito menos fazer um pedido extraordinário, como lavar as paredes da casa de banho ou esfregar o chão da varanda, por exemplo. E o pior era livrar-se delas. Ainda recentemente tinha tentado despedir a actual empregada. Tudo bem que ela só aparecia duas vezes por semana, mas, ainda assim, era algum dinheiro. Sobretudo, porque ao salário que lhe pagava tinha de juntar o que

gastava a repor as bebidas que ela emborcava às escondidas. Uísque, aguardente velha, qualquer resto de vinho guardado no frigorífico, incluindo aquele de pacote que só serve para cozinhar, marchava tudo. Como poderia chamá-la à atenção? Como poderia ignorar que a mulher fazia duas horas de camioneta para vir dos subúrbios, deixando três filhos a criarem-se sozinhos e um marido desempregado há que tempo, que passava o dia atrás de biscates? Compreendia-a tão bem que, na maioria das vezes, tinha vontade de afogar as mágoas com ela frente a uma garrafa de qualquer coisa, ignorando que o chão não era aspirado há semanas e o exaustor continuava forrado a gordura.

Vanessa seguiu o homem, cabisbaixa, até ao quarto que lhe fora destinado. O homem entregou-lhe a chave e pediu-lhe que pagasse de imediato. Era comum haver quem fugisse a meio da noite sem pagar. Vanessa entregou-lhe o dinheiro, agradeceu, pediu novamente desculpa por estar a incomodar e trancou-se no quarto. Estava nervosa e excitada. Sentia-se como uma adolescente que fugira de casa. Sozinha, sentada numa cama que rangia a cada movimento, na beira da estrada de uma terra desconhecida. Nem a insalubridade do quarto conseguiu desfazer-lhe o sorriso.

3.

Costuma dizer-se que a noite é boa conselheira. Um repouso são remédio santo para um cérebro em ebulição e um sistema nervoso descontrolado. Pois, para Vanessa não foi o caso. Acordou a chorar. Lágrimas gordas a ensoparem a almofada. A euforia da liberdade que sentira na noite anterior desaparecera por completo. Agora sentia-se perdida e, pior do que tudo, culpada. Como fora capaz de abandonar outra vez a filha? Como fora capaz de fugir sem sequer tentar falar com o marido? Agora sim, todos pensariam que estava louca. Que tipo de mãe faz uma coisa destas? Só se lembrava daquelas notícias das mães que afogam os próprios filhos na banheira ou se atiram de uma ravina com eles nos carros. As mães que considerava monstros, que criticava com veemência. Estaria a transformar-se numa delas?

Ainda assim, a ideia de voltar a correr para casa provocava-lhe náuseas. A filha a gritar por ela numa alegria excessiva, o marido a fazer perguntas, a mãe a criticá-la só com o olhar, enquanto murmurava que tinha logo de lhe ter saído uma filha com os genes da tia. A tia... Claro! A tia era a sua única salvação.

Tomou um duche rápido, evitando tocar nas cortinas do chuveiro, que tinham as pontas negras de fungos e falta de lixívia. Não havia champô e o único vestígio de sabão era o que restava no dosador do lavatório, misturado com água para durar mais. A toalha era áspera e fina de tantas lavagens ao longo dos anos, mas pelo

menos cheirava a detergente da roupa. A adolescente fugida de casa, que ela incorporara na noite anterior, voltara a ser uma adulta enojada e há muito desabituada de locais como aquele. Felizmente tinha pago na noite anterior. Assim, podia correr para o carro e percorrer os vários quilómetros que a separavam da única pessoa com quem poderia contar.

A tia de Vanessa vivia numa pequena vila de praia, a umas dezenas de quilómetros da sua cidade. Suficientemente perto para ser um destino de fim-de-semana e suficientemente longe para que os seus habitantes se sentissem fora da confusão. Era povoada essencialmente por famílias de pescadores e, desde os anos sessenta, por *hippies*, surfistas, budistas e todo o tipo de subculturas da paz e do amor. As crianças ainda iam sozinhas para a escola e brincavam na rua sob a protecção da vizinhança, os velhotes ainda se juntavam no jardim todas as tardes, ninguém trancava as portas de casa e os carros ficavam semanas parados nas garagens. Vanessa sempre adorara aquele lugar e demorou muitos anos a perceber porque é que a mãe não a deixava ficar mais do que um dia em casa da tia, mesmo durante as férias grandes. Mais tarde, quando poderia ter começado a frequentá-lo sem censura materna, deparou-se com a relutância quer de Diana, quer do marido, que não gostavam de uma vila tão simples, de gente descalça pelas ruas, com «rastas» na cabeça. Preferiam ir de férias para as Caraíbas, naqueles pacotes que incluem um *charter* bem apertadinho, hotéis com mais de três mil hóspedes e cinco piscinas com crianças aos gritos. Por isso, ao longo dos anos, Vanessa apenas visitava a vila de passagem, sonhando com ela sempre que estava sentada no bar da piscina de um qualquer *resort*, segurando um *cocktail* ridículo e intragável em tons de azul e rosa, ao som de uma rumba.

A viagem renovou-lhe o ânimo e a chegada à rua estreita de prédios baixos onde a tia morava fê-la esboçar um sorriso. A porta vermelha era como um convite; a entrada num mundo contrário àquele onde tinha sido criada. Vanessa no País das Maravilhas.

Tocou à campainha, que ressoava estridente na rua, e esperou por ouvir a voz esganiçada da tia.

— Quem é?

— Sou eu, a Vanessa.

— Sobe, sobe, minha querida — respondeu com naturalidade, como se Vanessa tivesse estado lá no dia anterior, embora não a visitasse há quase um ano.

Subiu a escada de madeira até ao segundo andar. Ainda se cruzou com a velhota do terceiro, uma octogenária que ali vivia desde que se lembrava e que sempre lhe parecera octogenária. A senhora não a reconheceu, como é natural, e gritou-lhe:

— Se é para me vender alguma coisa, não quero, vá-se embora!

— Não, não se preocupe, vou para o segundo andar — respondeu Vanessa, sem dar grande hipótese de conversa. Gostava de ter dito quem era, de ter perguntado pela saúde da senhora, se o gato *Silvestre* ainda era vivo, mas a vontade de abraçar a tia era maior.

Chegando ao patamar do segundo andar, viu a porta encostada. Típico da tia. A mãe de Vanessa achava uma desconsideração não receber as visitas à porta. Era motivo de conversa na viagem de regresso à cidade. Isso e os pratos do bolo não combinarem com as chávenas de chá. «Onde é que já se viu não ter um serviço de jeito?» Vanessa entrou e fechou a porta com cuidado. Já não se lembrava do som do espanta-espíritos pendurado atrás da mesma, como que abençoando quem entrava ou, na verdade, afastando os maus espíritos que eventualmente viriam agarrados ao visitante.

— Olá, tia! Vou entrar — anunciou Vanessa, dirigindo-se à sala de estar.

— Entra, entra, minha querida. Eu vou já! — gritou a tia do fundo da casa.

Vanessa sentou-se no sofá de veludo castanho coberto de almofadas de todas as cores e texturas. Era uma sala acolhedora, com vida, cheia de molduras e cartazes de concertos dos anos sessenta nas

paredes forradas a papel com padrão de palmeiras verdes. Uma sala onde não nos sentíamos obrigados a pedir licença para nos sentarmos ou descalçarmos os sapatos. O oposto da casa da sua mãe, portanto. Vanessa sorriu ao percorrer as paredes com o olhar.

— De que te ris? — perguntou a tia, entrando na sala com um tabuleiro de chá marroquino.

— Nada de especial. Estava apenas a constatar o quão diferente a sua casa é da casa da minha mãe. Tem a certeza de que são mesmo irmãs? — perguntou na brincadeira.

— Sinceramente, às vezes não tenho a certeza. Mas os nossos pais garantiam que sim — respondeu, pousando o tabuleiro na mesinha de centro. — Dá cá um abraço, minha coisa fofa.

Vanessa adorava a maneira como a tia ainda a tratava como uma criança. Deixou-a apertar-lhe as bochechas e esborratar-lhe a cara com o batom vermelho, que depois limpava com os dedos húmidos de cuspo. A tia estava igual. Os caracóis desgrenhados pintados de ruivo, as túnicas com padrões berrantes, os pulsos cobertos de pulseiras a tilintar. As rugas estavam lá, mas o seu brilho interior fazia esquecer que já era uma mulher com mais de sessenta anos. Um abraço caloroso e Vanessa desfez-se novamente em lágrimas. Soluçou como uma criança, enquanto a tia lhe afagava o cabelo.

— Ui, como tu estás, minha pequenina... — suspirou. — Parece-me que precisamos de algo mais forte do que chá.

Sentou Vanessa na montanha de veludo e *patchwork* e dirigiu-se à estante, de onde desencantou uma garrafa de *gin*. Verteu um terço da garrafa para dentro do bule do chá, serviu duas chávenas, com dois torrões de açúcar amarelo em cada, e estendeu uma delas a Vanessa.

— Um chá à moda da rainha-mãe! — exclamou.

Vanessa sorveu a bebida com cuidado, o calor a percorrer-lhe lentamente o corpo, e sentiu-se logo melhor. Pelo menos, o suficiente para explicar à tia o que a tinha levado até ali. Não só a parte

de ter decidido conduzir sem parar na noite anterior, evitando o regresso a casa, como também o motivo pelo qual fora parar à barra do tribunal e à cadeira do psiquiatra. A tia ouviu tudo atentamente, sem julgar, sem questionar. No fim, apenas lhe colocou as mãos sobre o coração e começou a entoar uns cânticos numa língua que Vanessa desconhecia. Terminou o ritual estalando os dedos à sua volta e soprando-lhe para a cara. Vanessa conhecia minimamente a tia e não se surpreendeu muito com tal extravagância. Não acreditava nada naquelas coisas esotéricas, nem percebia muito bem se eram práticas tribais, bruxaria ou rituais de uma religião esquisita, mas, como achava que mal não fariam, deixou-se levar.

— Pronto, já limpei a tua aura — disse quando abriu os olhos. — Agora, espera aí que vou buscar um amuleto. — E saiu disparada para a zona dos quartos, deixando Vanessa perplexa mas, admitia, sentindo-se ligeiramente melhor, como se o nó que se apertara no seu peito estivesse agora um pouco mais lasso.

Foi até à cozinha procurar algo para comer. Lembrara-se, de repente, de que não comia nada desde aquela sanduíche sensaborona da noite anterior. Abriu o frigorífico e só encontrou comida macrobiótica. Parecia mais um projecto científico do que um frigorífico. Algas, tofus, rebentos disto e daquilo. Felizmente, encontrou um iogurte. Era de soja, mas não deixava de ser um iogurte. Quando ia fechar a porta do frigorífico, viu que do outro lado estava um homem. Tronco nu, cabelo grisalho a roçar o pescoço, embora o topo da cabeça estivesse quase calvo, e um colar de missangas. Vanessa deu um pulo e ia começar a gritar, quando se lembrou de que podia ser um dos amigos da tia.

— Olá, deves ser a Vanessa. Eu sou o Frank. E posso garantir-te que não vais querer esse iogurte — disse ele, num tom amistoso.

Vanessa recompôs-se do susto, sorriu e fechou a porta do frigorífico. E foi então que notou que o homem não só estava de tronco nu como estava, efectivamente, todo nu. Aí, não conseguiu

suster um pequeno grito. Porque é que, quando vemos alguém nu, o nosso olhar se fixa exactamente nas partes que deviam ser ignoradas? E pior, fica preso nessas partes, o que, no caso, não foi particularmente agradável, pois Frank era da idade da tia e um corpo nu depois dos sessenta, por muito que se queira, nunca é propriamente uma imagem bonita de se ver.

— Frank, por amor de Deus! Não andes nu pela casa quando estão cá visitas — gritou a tia, estendendo-lhe uma toalha.

— Ah, desculpa, é o hábito — disse ele, colocando a toalha à volta da cintura e tirando uma tigela do armário.

Vanessa perdeu a fome e deixou-se conduzir de volta para a sala.

— Ai, filha, desculpa lá o Frank. Ele adora andar *au naturel*... Mas onde é que nós íamos? Ah, sim, toma este amuleto. Usa-o ao pescoço, no pulso, nas cuecas, enfim, onde te der mais jeito, desde que esteja em contacto directo com a tua pele. E pronto, o mais que te posso dizer é que tens aqui um quarto à disposição, se precisares.

Vanessa só conseguiu agradecer e beber o resto do chá de um trago, na esperança de conseguir livrar-se da imagem de Frank como viera ao mundo. O convite da tia era tentador, mas a possibilidade de encontrar Frank a arejar a sua masculinidade pela casa fora, a meio da noite, assustava-a.

— Tia, o Frank vive cá? — perguntou, timidamente.

— Ai, credo, claro que não. Só cá vem para as nossas tardes de amor. Na nossa idade já ninguém vive com ninguém, filha. O que seria aturar um velho a roncar ao meu lado? Aturar as idas nocturnas à casa de banho, que sabes que os homens desta idade e a próstata são um problema, ou as lamúrias matinais, quando os ossos teimam em não esticar. Nã... cada um na sua casinha e, depois, lá nos vamos divertindo quando nos apetece ou as dores nos permitem.

Vanessa suspirou de alívio e decidiu ficar, até porque não estava preparada para ir onde quer que fosse. Não queria ir para casa